

Crítica Literária

Nesta seção anuncia-se o aparecimento dos livros (fora de assuntos médicos) de que nos é enviado, pelo menos, um exemplar; quando recebermos dois exemplares, publicamos artigos críticos, da autoria de médicos, estudantes de medicina ou filhos de médicos.

JOSÉ CARDOSO PIRES — *O Render dos Heróis* — Publicações Europa-América — Coleção «Os Livros das Três Abelhas» — Lisboa, 1960.

Parecem-me bem definidas as características da ficção de Cardoso Pires, mau grado a ideia pressuposta a alguns livros seus de vária índole, de que ele ainda procura o género literário mais conforme às suas preferências, gostos e qualidades formais. Refiro-me particularmente à «Cartilha do Marialva» e à narrativa dramática «O Render dos Heróis». Como quer que seja, definidos ou não estes dois momentos da sua actividade, em mais íntima ou alheia correspondência com o que ficou antes, e é, para mim, o melhor dele até hoje publicado — quero crer tratar-se de um novelista, e só de um novelista, preocupado, contudo, em experimentar a realidade de acordo com a expressão mais conveniente ao fluxo e refluxo do seu próprio movimento. Mas no fundo, o autor de «Caminheiros e outros Contos», «Histórias de Amor» e «O Anjo Acorado» afirma nesses livros a presença duma arte de contar de inequívoca feição dentro dos vários moldes literários.

Só como experiência, pois, aceito e me parece justificada a nova tentativa de Cardoso Pires, desta vez nos domínios do teatro, muito embora me falte saber se resultaria como tal uma vez levada à cena.

Julgo que o autor se apercebeu também da dificuldade, e não foi por acaso que designou por *narrativa dramática* uma história que será, talvez, menos dramática como género que como conteúdo; no mais, não passa, de facto, de narrativa dialogada.

E precisamente pela facilidade do diálogo, coisa de que nenhum bom novelista pode abstrair, se deixou Cardoso Pires seduzir, a meu ver, a ponto de se julgar fadado para o teatro. Não ponho em dúvida

que o seja ou não seja, mas suspeito que o mesmo erro que o levou a atribuir a «O Anjo Acorado» a designação de romance, quando tudo indica tratar-se duma novela, e duma novela digna de reter-se, se repete aqui numa outra variante. Nada lhe acrescenta, é certo, daquelas considerações de ordem doutrinária que acompanham as «Histórias de Amor» e «O Anjo Acorado», quando é certo que as suas intenções e significado as não pediam, antes pelo contrário, e só por isso o prejudicam. Mas o facto de incorrer, sem vantagem aparente, nos domínios de um género tão pouco propício e desaproveitado pelos que manobram a cena portuguesa, dá-me o direito de concluir que, embora de posse de notáveis qualidades de prosador — linguagem seca e imperiosa, observação fulgurante, objectivação de ideias, recorte exacto e nítido das figuras — José Cardoso Pires prefere dispersar-se em novas e improficuas buscas noutros géneros, a aproveitá-las, a fundo, naquele em que maior à-vontade demonstra.

Não deu ele, por enquanto, a medida cabal do seu talento e do que em algumas páginas se deixa esperar.

Quanto a «O Render dos Heróis», que põe em diálogo um velho episódio das lutas liberais, com o Alto Minho por cenário, e onde se evoca uma das figuras femininas mais populares da nossa História, está ainda dentro daquela linha de pensamento do novelista que, à data da publicação das «Histórias de Amor», afirmava: «A actualidade do artista julgo que está em saber falar ao homem a quem se dirige descobrindo problemas, acontecimentos passados ou presentes que o interessem. Daí a imprescindível tendência para se integrar o caso dum herói numa contingência geral, o mais rica possível de descobertas e ângulos de observação». É, se prefe-

rem, um desses momentos-padrão, representativo de forças condicionadas ao devir histórico, mas perante cujos lances imprevistos somos forçados à opção, à escolha de um destino. E também por isto José Cardoso Pires se não afastou muito, desta vez, da sua interpretação pessoal de conto e de novela, géneros que devem satisfazer muito menos simplistas ideias formais e de síntese, do que valer como interpretação simbólica de factos e episódios ampliados ao mais alto grau.

Assim se compreende e explica uma como que contiguidade e parentesco entre livros tão diferentes, na aparência, como «Histórias de Amor», «O Anjo Acorado», «Cartilha do Marialva» e «O Render dos Heróis». Mas das conexões prováveis entre uns e outros, impossível se torna, no entanto, esquecer o valor estilístico de uma prosa ágil, sacudida, dominadora, comum a todas elas. O seu bom nível é fruto do bom temperamento original do escritor, já na plena posse de um material de trabalho de primeira ordem, que só aguarda ensejo de ser aproveitado em obras de maior fôlego e mais desprevenida intuição alegórica anterior à própria efabulação.